



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

RELIGIOSIDADE CONSERVADORA

Marcos Roberto Inhauser

Participava eu da Conferência Mundial sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação, em Seul, Coréia. Nomeado para a Comissão de Direitos Humanos e Igreja, dela participei em companhia de outros líderes religiosos, incluindo uma alta autoridade da Igreja Ortodoxa Russa e um Bispo Católico de uma grande cidade dos Estados Unidos. A questão central era a igualdade de todos diante de Deus e, por conseguinte, na Igreja. Já havíamos aprovado um item afirmando que Deus nos havia criado a todos, homens e mulheres, iguais em direitos, deveres e privilégios.

Chegávamos agora ao tema da participação das mulheres nos ministérios da Igreja. A então deputada federal Benedita da Silva, que estava ao meu lado, me disse que o assunto era quente e que podia ferver. Pedi a palavra e propus que, em conformidade com o item aprovado no início dos debates, se afirmasse que homens e mulheres têm iguais direitos, deveres e privilégios aos ministérios da Igreja. O representante da Igreja Ortodoxa Russa se impacientou, pediu a palavra e dirigindo-se a mim, disse que devia pedir perdão a Deus por ter proposto tal blasfêmia. Algumas feministas que ali estavam tomaram partido e a coisa se complicou a tal ponto que o moderador suspendeu para o café e veio me pedir para retirar a proposta. Estava para sair quando o bispo católico me disse: “Nem Stalin, com toda a repressão política que promoveu conseguiu mudar a Igreja Ortodoxa. Não pense que você vai mudar com um item em uma declaração”.

Em outra oportunidade, estava a conversar com um colega pastor que estava fazendo seu mestrado em Teologia em uma conceituada Universidade particular e confessional do Brasil. Ele me contava que tinha feito um curso de História da Teologia com um professor que tinha seu Doutorado em Teologia no exterior e que seu interesse era conhecer mais sobre os teólogos contemporâneos. Para sua surpresa o professor partiu da Igreja primitiva e chegou à Reforma, dedicando algum tempo aos Reformadores. O curso terminou em Calvino. Indagado sobre o resto da história da Teologia, o professor afirmou que “depois de Calvino não se produziu mais teologia”. O aluno voltou a insistir perguntando sobre Barth, Tillich, Bultman, Teologia da Esperança, Teologia da Libertação, Teologia do Evangelho Social. Para espanto do aluno, o professor afirmou não se tratarem de teologia, mas de marxismo com linguagem religiosa, de sociologia com viés teológico.

Estes dois fatos evidenciam algo que se sabe há muito: a dificuldade da igreja em lidar com o novo, com o diferente, com o criativo. Como forma de se manter igual por séculos a Igreja inventou a inquisição, o silêncio obsequioso e a excomunhão (no seio católico) e a disciplina eclesiástica e o banimento (evangélicos). As Igrejas Protestantes históricas têm Confissões de Fé elaboradas há séculos e as mesmas não são reformadas nem atualizadas porque fazê-lo seria arriscado de ter que mudar em algo.

Os púlpitos são a repetição da mesmice. Os cânticos são os mesmos todos os domingos, e se mudam a música, a mensagem é a mesma. Afirmando ser Jesus “o mesmo ontem, hoje e sempre” há muitos que se esquecem que não vivemos nos tempos bíblicos, que a cultura e os problemas humanos são outros.